

A Oração

Ao lado da meditação nas Escrituras, a oração é uma experiência vital, essencial, fundamental e indelével da fé cristã. E por que? Por que se compreendemos bem o que Jesus fez por nós na cruz, compreenderemos que sua morte substituidora nos reconectou ao Deus Trino, nos levou de volta para casa. E para que fomos perdoados e levados de volta para casa? Para experimentarmos o relacionamento pessoal, íntimo, profundo e transformador com o Deus Trino para o qual fomos criados.

Oramos e costumeiramente, no fim da oração dizemos: “Em nome de Jesus, Amém”. Orar em nome de Jesus não é apenas um costume da igreja, mas é uma prática que traduz a verdade de que não oramos baseados em nossa própria justiça ou em nossos méritos. Oramos ao Pai e ele nos ouve por que Jesus abriu um caminho para nós por meio de sua morte. A oração só é possível por causa de Jesus, que morreu na cruz em nosso lugar e rasgou o véu que se interpunha entre nós e o Pai (Marcos 15.38). A imagem do véu rasgado aponta para os efeitos da obra de Jesus ao rasgar toda a separação que havia entre o Criador e o homem caído por causa do pecado. Por causa de Jesus não somos mais estranhos ou inimigos diante de Deus, mas filhos.

Jesus é nosso canal de oração e é por causa dele que podemos nos achegar ao Pai e orar como o próprio Jesus nos ensinou a orar, chamando-o de Pai. Jesus é a base, o ambiente, o por que da oração, assim como de tudo em nós.

Logo, a meditação – ouvir o Criador falar conosco por meio de sua Palavra – e a oração – responder a Ele consciente, pessoal e livremente e ouvi-lo novamente – é esse relacionamento se tornando real! Somos nós vivendo a vida para a qual fomos salvos, uma vida conectada ao Eterno e que espelha essa conexão nas demais áreas de nossa existência. Isto nos leva a questão levantada por Henri Nowen: “Se a prece, entendida como uma relação íntima com Deus, é a base de todos os relacionamentos – conosco e com os outros – como podemos aprender a orar e verdadeiramente experimentar a prece como o eixo de nossa existência?”¹

Note que Nowen compreende que nossa vida de oração deve se tornar o “eixo de nossa existência”. Isso parece sério e profundo. E é mesmo. Eugene Peterson afirma que “a oração é o ato central da comunidade cristã”² e não apenas de nossa devoção pessoal. Ou seja, a oração é central em nossa vida como indivíduos e como comunidade cristã. Contudo, algumas perguntas óbvias precisam ser feitas, como por exemplo: afinal, o que é a oração? Como orar? Existem formas mais acertadas ou erradas de orar? Deus ouve mesmo nossas orações? A oração de fato causa milagres?

Primeiro, o que é oração? A oração é a conversa, a comunicação, entre nós e a Trindade. Gostaria que você pudesse pensar que orar nada mais é do que falar, conversar com o Criador. É simples por que é uma conversa e é extremamente complexa por que é uma conversa com o Criador. Como você pode imaginar, uma conversa é um lugar de comunicação comum a duas pessoas, ou seja, duas pessoas falam e ouvem. Assim, o Senhor se dirige a nós por meio de sua Palavra e respondemos em oração. Peterson insiste que nossa palavra não é nunca a primeira, mas sempre a resposta,³ o que nos lembra que o momento devocional amarra de forma coesa a meditação – Deus falando – e a oração – nossa resposta.

¹ NOWEN, Henri J. M. *Crescer: Os três movimentos da vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.118

² PETERSON, Eugene. *O Pastor Contemplativo: Voltando a arte do aconselhamento espiritual*. Rio de Janeiro: Textus, 2002, p.52

³ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000, p.43.

A oração é nossa personalidade manifesta diante do Criador que nos fez como pessoas, é a resposta a Palavra que foi ouvida. Neste sentido, a oração é a disciplina que se segue imediatamente após a meditação, pois respondemos ao Eterno sobre o que dele ouvimos, nos engajamos no diálogo com o Criador. Não devemos perder isso de vista: estamos conversando com o Eterno! É por isso que “a oração é uma aventura ousada rumo à linguagem, que coloca nossas palavras juntas com aquelas palavras cortantes, vivas, que penetram e dividem alma e espírito, juntas e medulas e, impiedosamente, expõem cada pensamento e propósito do coração”.⁴

Orar é conversar com o Eterno. Não podemos perder isso de vista. Como afirma Peterson, “é por isso que tantos mestres antigos aconselham cautela: ‘Vá devagar com a oração’, pois ela não é um empreendimento no qual se possa entrar levemente”.⁵ Peterson diz isso no sentido de que nunca devemos nos esquecer: estamos em uma conversa com o Eterno.

Comunhão e comunicação

Estamos acostumados a utilizar a palavra oração com certa abundância e por isso sequer notamos que a oração, em si mesma, tem uma proposta ousada e até mesmo absurda se a encararmos bem. John Owen chega a citar Aristóteles, quando o mesmo está ensinando sobre a amizade e propõe que é impossível manter uma amizade quando há um desnivelamento muito acentuado entre as duas partes: “Isso se torna claro quando há uma grande distância entre as partes no que se refere a virtude, ao vício, à riqueza ou outra coisa qualquer; pois nesse caso já não são amigos e nem sequer esperam sê-lo. E a situação é manifesta acima de tudo quando se trata dos deuses, que nos ultrapassam imensamente em tudo o que é bom”.⁶

Podemos tomar o raciocínio de Aristóteles para formular a questão. Ou seja, por um lado temos um Deus Trino com todos os seus atributos que sequer podemos compreender de tão vastos e perfeitos, de outro lado nós, seres humanos limitados, pequenos e ainda por cima pecadores. Se comunhão é quando temos realidades em comum, o que poderia haver de comum entre nós e o Eterno para que pudéssemos com Ele conversar? Como a oração pode ser possível se compreendemos ao menos parcialmente quem o Eterno é e quem somos? Como é possível que haja comunhão e comunicação entre o Criador e nós?

Owen cita que Aristóteles chegou a conclusão de que é impossível que haja amizade entre Deus e o homem, mas logo em seguida define nossa comunhão com Deus como sendo “sua comunicação de si mesmo para conosco”.⁷ Ou seja: a oração é possível por que o Eterno se colocou dentro um relacionamento conosco por sua livre graça, Ele iniciou esse diálogo, Ele tornou a oração possível, Ele se revelou a nós e nos convidou para nos rendermos a Ele em relacionamento por meio da oração.

O fundamento da oração é a graça do Pai que desejou entrar em comunhão conosco. É isso que torna a oração possível: o Deus Trino decidiu se relacionar conosco por meio de Jesus Cristo na presença e no poder do Espírito Santo.

O que é importante dizer é que a oração, a despeito de todas as dificuldades e dúvidas filosóficas e metafísicas que possamos elaborar sobre o tema, é relacionamento, comunicação, conversa com o Criador. Como muito bem observou Yancey, “embora Jesus não apresente nenhuma prova metafísica da eficácia da oração, o próprio fato de ele orar estabelece o valor dessa prática”.⁸

Jesus jamais demonstrou os mecanismos da oração ou revelou como isso é possível, mas uma coisa é certa: Jesus orou! Somos convidados a assumir sua vida e isso inclui sua vida de oração, sua vida de relacionamento com o Pai.

Fomos salvos para experimentar o relacionamento para o qual fomos criados. Pois bem: não existe relacionamento entre duas pessoas que não se comunicam, e se dizemos que temos um relacionamento com

⁴ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000, p.41.

⁵ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000, p. 41

⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* (Livro VIII, Capítulo VII). São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.186

⁷ OWEN, John. *Comunhão com o Deus Trino*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p.70

⁸ YANCEY, Philip. *Oração*. São Paulo: Editora Vida, 2007, p.96

o Pai por meio de Jesus então entendemos que é no momento de oração que esse relacionamento se torna evidente, real, palpável e inegável. Orar é estar com o Criador, é comunicação e relacionamento.

Mas afinal, como aprendemos a orar? Existem orações certas e orações erradas?